

As restrições do prefeito

Hartung faz restrição ao Corredor, "que não nasceu por obra do Governo mas através da estratégia da Vale"

O prefeito Paulo Hartung, de Vitória, faz restrições ao Corredor de Transportes do Espírito Santo. Primeiro, porque o Corredor não nasceu do planejamento governamental, mas da estratégia da Companhia Vale do Rio Doce, uma empresa com interesses quase do tamanho do Espírito Santo. "O poder público está a reboque da Vale", afirma Hartung.

Por essa distorção de origem, o Corredor incomoda visivelmente o prefeito da capital do Espírito Santo. Hartung não concorda com a tese de que o Corredor pode pôr a economia capixaba num terceiro estágio, o dos serviços, que sucederia aos estágios anteriores, o industrial e o cafeeiro.

Por sua vontade, Hartung conduziria a economia de Vitória mais para os setores de alta tecnologia, como a indústria da informática, que não polui e tem um ponto de partida nos laboratórios da Universidade Federal do Espírito Santo. Segundo o prefeito, o Governo estadual está tão atrelado aos interesses da Vale do Rio Doce, nos últimos anos, que deixou um vácuo no planejamento estratégico do Espírito Santo. A omissão oficial se somam outros fatores crônicos, como a evasão de cérebros, o esvaziamento dos órgãos públicos e a prática de uma política de fins eleitorais.

Para não se tornar caudatária desse processo imposto pela Vale do Rio Doce, lembra que fez a Companhia de Desenvolvimento de Vitória "voltar às origens", deixando de cuidar do lixo para fazer o planejamento da Capital.

Entregue ao engenheiro Arthur Gerhardt dos Santos, ex-governador do Estado (1971-74), a CDV a partir do final de 1993 terá condições de exercer influência no futuro de Vitória e da Região Metropolitana. Hartung reconhece que o

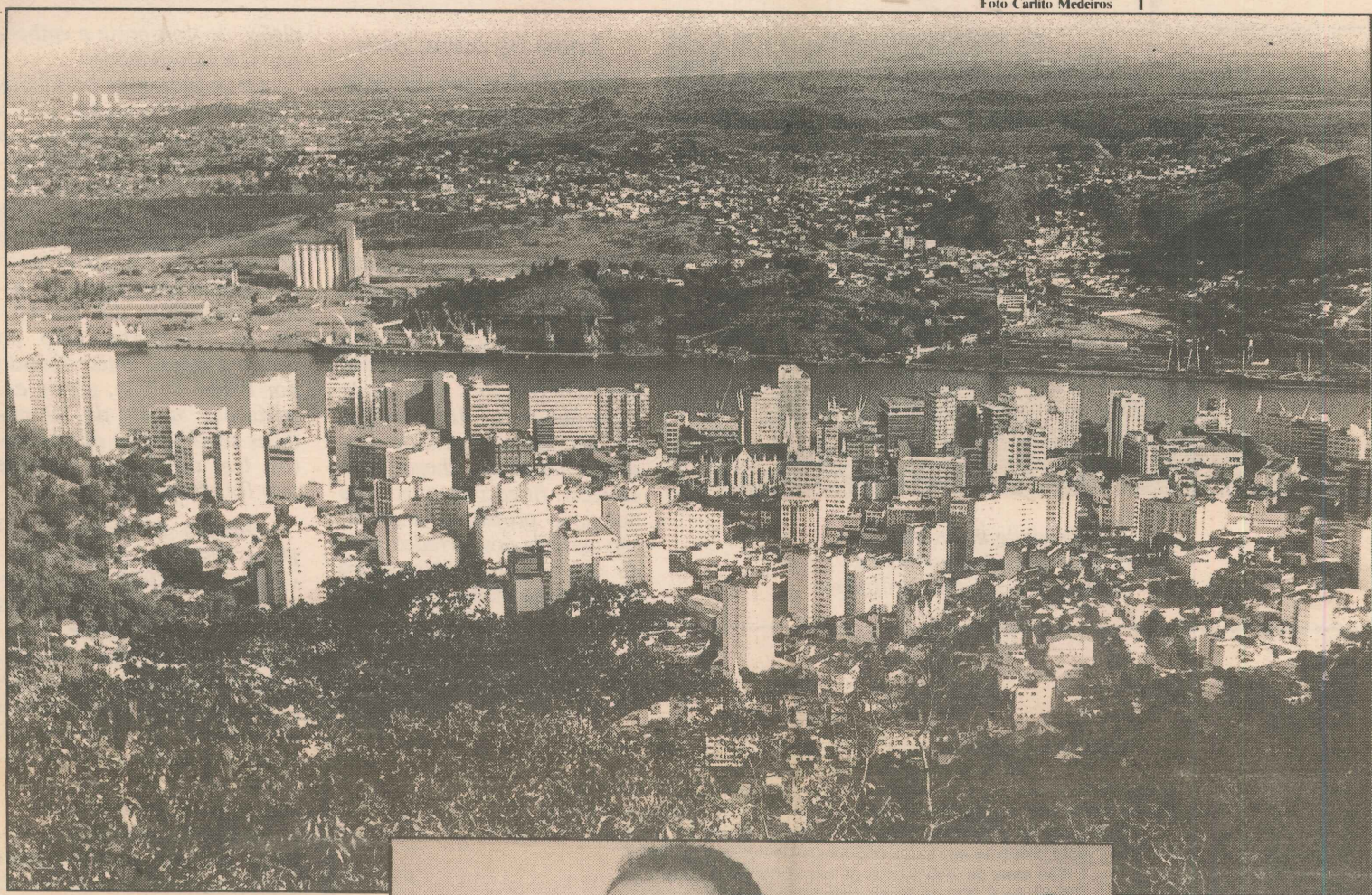


Foto Carlito Medeiros

Corredor aprimora a antiga vocação portuária de Vitória, mas encarece a necessidade de que o Espírito Santo diversifique suas atividades, sem depender excessivamente de alguns poucos setores excessivamente poderosos. Entre as opções além dos serviços de exportação, o prefeito de Vitória anota a indústria da informática e o turismo — "sem necessidade de ser megalômano". Mas também é preciso prever os problemas futuros.



Hartung acha que Vitória precisa de indústrias que não poluam

Os impactos negativos

O Corredor de Transportes Centro-leste é bom para Vitória e o Espírito Santo? Sem dúvida, o Corredor exercerá sobre a economia capixaba um efeito equivalente ao do porto de Vitória ou da Estrada de Ferro Vitória a Minas, mas há também consequências potencialmente negativas.

De acordo com projeções de um grupo de técnicos da Ufes que estudou os possíveis impactos do Corredor sobre a Grande Vitória, a

concentração de investimentos na região metropolitana tende a intensificar o inchaço urbano nos arredores da capital e esvaziar a economia dos principais pólos regionais — Cachoeiro, Linhares e Colatina, principalmente.

Se for confirmada a tendência de investimentos na exportação de grãos e no beneficiamento local de produtos agropecuários originários dos cerrados — onde os custos de produção são mais baixos do que no Sudeste —, a frágil agroindústria capixa-

ba pode ser mortalmente atingida.

O raciocínio dos economistas da Ufes é simples. Se uma grande indústria de rações como a Ceval, pertencente ao grupo catarinense Hering, instalar uma fábrica na Grande Vitória, sua produção será tão barata que não ficará de pé nenhuma indústria capixaba do setor. Com a agroindústria, naufragaria também a lavoura de grãos do Espírito Santo, cujos custos são mais altos do que os dos grãos produzidos nos cerrados.